

A história em quadrinhos como prática pedagógica no ensino de Geografia.¹

Graziela Bergonsi Tussi²

Rosa Elisabete Militz Wypczynski Martins³

Resumo

Este trabalho é resultado de um projeto de pesquisa de trabalho de conclusão do curso de Geografia da Universidade de Passo Fundo que se propõe analisar as histórias em quadrinhos como recurso pedagógico alternativo no ensino da geografia. Entende-se que o ensino de Geografia passou por mudanças significativas, principalmente na década de 1990, quando vieram à tona discussões sobre Geografia Crítica, mudando as perspectivas e discussões acerca do ensino. Esta pesquisa justifica-se pelo fato de que muitos professores continuam trabalhando a Geografia através do tradicional método livro didático e quadro-negro. Considerando que uma aula de Geografia precisa ser atrativa, uma vez que os alunos não a vêem como matéria essencial no seu currículo, e que estão cada vez mais envolvidos com a tecnologia, afetando sua personalidade e estilo de vida, cabe ao professor sentir a necessidade de buscar novos recursos para o ensino, utilizando materiais alternativos em sala de aula e aplicando métodos de ensino não-convencionais que encantem o aluno, fazendo com que ele goste de estudar. É questionando esses materiais alternativos aplicados em sala de aula que se pretende direcionar esta pesquisa, tendo como objetivo principal identificar a contribuição da história em quadrinhos nas aulas de Geografia, a fim de mostrar sua importância como recurso de ensino. Além disso, procurou-se reconhecer a importância do uso das histórias em quadrinhos nas aulas de Geografia; levantar referências que possam subsidiar o uso das mesmas, através de uma pesquisa em referencial teórico e sugestões possíveis de serem aplicadas e; analisar os resultados obtidos através de oficinas práticas aplicadas em turmas de 5ª a 8ª série, uma em cada série. Para a aplicação de cada oficina, foram levados em conta alguns aspectos, tais como: conteúdo que a turma estava desenvolvendo, de acordo com o livro da coleção Construindo o Espaço, de Igor Moreira, que a escola adota como livro principal. Para a aplicação prática, foram utilizadas histórias em quadrinhos na 5ª e 6ª série e tiras de humor na 7ª e 8ª série. O trabalho foi feito na Escola Estadual de Ensino Fundamental Jerônimo Coelho, na cidade de Passo Fundo / RS. Com base nas oficinas aplicadas e na análise dos dados obtidos, presume-se que a utilização das histórias em quadrinhos como prática pedagógica pode ser uma ferramenta auxiliar no ensino de Geografia, pois, hoje em dia nenhum professor consegue transmitir algum conteúdo aos seus alunos sem que haja encantamento por ele. É um recurso válido, mas, ele não deve ser trabalhado sozinho. A utilização de outras alternativas como jornal, revistas, textos paradidáticos vêm complementar juntamente com as histórias, os conteúdos expostos nos livros didáticos, por muitas vezes incompletos ou sem atrativos para os alunos. Ensinar é um

¹ Eixo temático 3: Educação e ensino da Geografia.

² Licenciada em Geografia pela Universidade de Passo Fundo, RS, Brasil. grazielatussi@yahoo.com.br

³ Professora do curso de Geografia da Universidade de Passo Fundo; Doutoranda em Geografia /UFRGS; orientadora deste trabalho, rmartins@upf.br

desafio nos dias de hoje. Muito se fala em renovação do ensino, mas pouco tem sido feito na prática. Levantar questionamentos, intrigar e despertar no professor vontade de ensinar é necessário, pois, só assim o aluno vai entender que aprender pode ser divertido, ao mesmo tempo despertando interesse e aguçando o senso crítico do aluno.

Palavras-Chave: ensino de geografia, práticas pedagógicas, história em quadrinhos.

Todas as transformações que ocorrem atualmente no mundo levam a escola a questionar se o ensino está relacionado com o que o aluno vivencia no cotidiano. As crianças e os jovens estão cada vez mais envolvidos com a tecnologia, afetando sua personalidade e estilo de vida e fazendo com que os professores sintam uma necessidade de buscar novos recursos para o ensino, utilizando materiais alternativos em sala de aula.

É questionando esses materiais alternativos aplicados em sala de aula que se pretende direcionar esta pesquisa, que se insere na linha de pesquisa Geografia, Ciência e Ensino, estruturada nos pressupostos teórico-metodológicos do curso de Geografia da Universidade de Passo Fundo por entender que os resultados obtidos possam vir a fornecer subsídios à melhoria do ensino de geografia.

Foi estabelecido como objetivo principal identificar a contribuição da história em quadrinhos nas aulas de geografia, a fim de mostrar sua importância como recurso de ensino. Além disso, procurou-se reconhecer a importância do uso das histórias em quadrinhos nas aulas de geografia; levantar referências que possam subsidiar o uso das mesmas em sala de aula e; analisar os resultados obtidos através da aplicação do uso das histórias em quadrinhos na sala de aula.

Entende-se que o ensino de geografia passou por mudanças significativas, principalmente na década de 1990, quando vieram à tona discussões sobre geografia crítica, mudando as perspectivas e discussões acerca do ensino. Esta pesquisa justifica-se pelo fato de que muitos professores continuam trabalhando a geografia através do tradicional método livro didático e quadro-negro. Considerando que uma aula de geografia precisa ser atrativa, uma vez que os alunos não a vêem como matéria essencial no seu currículo, é necessário analisar e aplicar métodos de ensino não-convencionais que encantem o aluno, fazendo com que ele goste de estudar.

Esta pesquisa traz algumas propostas de trabalho utilizando a história em quadrinhos como recurso pedagógico, a partir de pesquisa bibliográfica e em sites da internet. Para a aplicação deste trabalho foram aplicadas quatro oficinas, uma em cada série, entre a 5ª e a 8ª série. Para a aplicação de cada oficina, foram levados em conta alguns aspectos, tais como: conteúdo que a turma estava desenvolvendo, de acordo com o livro da coleção Construindo o Espaço, de Igor Moreira, que a escola adota como livro principal. Para a aplicação prática, foram utilizadas histórias em quadrinhos na 5ª e 6ª série, que serão apresentados nesse artigo e tiras de humor na 7ª e 8ª série. O trabalho foi feito na Escola Estadual de Ensino Fundamental Jerônimo Coelho, a escolha foi feita por ter sido aluna no Ensino Fundamental e também por ter realizado o Estágio Curricular II, facilitando a aproximação com a comunidade escolar.

A geografia e a renovação do ensino

Definir o que é geografia sempre foi uma questão discutida pelos pensadores. Alguns afirmam que a geografia é o estudo da superfície terrestre, apoiando-se no que a palavra significa: descrição da Terra. Outros autores definem a geografia como o estudo da paisagem, onde caberia ao investigador estudar e descrever a paisagem, tanto os elementos

presentes nela quanto seu funcionamento. Existem ainda autores que definem a geografia como estudo do espaço, mas esta definição causa alguns transtornos uma vez que, para cada interlocutor, o espaço pode ser entendido e estudado de várias maneiras.

Segundo Moreira (1982, p.66), “chega a parecer natural que a geografia tenha-se tornado uma ciência de aparência, uma vez que quando todos nós deitamos os olhos sobre o mundo a primeira coisa que salta às nossas vistas é a sua geografia”. De acordo com o autor, a geografia pode ser estudada de várias formas, pois, pode ser vista ao mesmo tempo fisicamente como quanto paisagem. O interlocutor que decidirá qual o primeiro olhar sobre a geografia, mas ela ficará ali, em todas as suas formas e à espera de diferentes interpretações.

Uma das definições mais discutidas é a relação entre o homem e o meio. A geografia viria estabelecer a relação entre o domínio humano sobre a natureza ou, o domínio da natureza sobre o homem e suas relações como, por exemplo, a transformação territorial, social e ecológica que os humanos fariam alagando uma área para a represagem de um rio. Esse fato afetaria tanto a natureza quanto os seres humanos e, então, caberia à geografia discutir e analisar essa relação.

Independente da definição escolhida para ensinar o que é geografia, cabe salientar que as idéias sempre serão diferentes e que, o professor deve apresentar os diferentes conceitos aos alunos.

No Brasil, o ensino de geografia obteve seu espaço institucionalizado a partir da década de 1930, quando a burguesia deixou de ser agrário-exportadora devido à Revolução de Trinta. Segundo Andrade (2006), o surgimento da AGB – Associação dos Geógrafos Brasileiros – em 1934 e a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, na Universidade de São Paulo em 1934 e na Universidade do Distrito Federal em 1935, que depois se tornara Universidade Federal do Rio de Janeiro, contribuíram para o desenvolvimento de pesquisas na área da geografia. Então, em 1937, o governo criou o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – que se comprometeria com a pesquisa e tabulação de dados sobre toda a nação, absorvendo grande parte dos profissionais direcionados a pesquisa.

Por muitos anos a geografia foi trabalhada de forma tradicional, onde o aluno era levado a identificar seu estado-nação em um mapa decorando seus rios, recursos naturais, limites, população e criasse uma idéia de suas diferenças culturais, sociais e econômicas. Um ensino baseado em decorebas e superficialidades sem lógica, que quase sempre fazia com que o aluno achasse desnecessário tal saber. A geografia escolar privilegiava os aspectos físicos do lugar, formando apenas um quadro natural onde o homem fazia parte de uma paisagem e se relacionava com um meio, não questionavam a sociedade.

Segundo Moraes (1983, p.23), “o homem vai aparecer como um elemento a mais da paisagem, como um dado do lugar, como mais um fenômeno da superfície da Terra”. O homem para o estudo da Geografia sempre foi considerado coadjuvante, apenas mais uma estatística no estudo da população, apenas mais um causador de erosão e modificador das paisagens naturais. Essa era a chamada Geografia Tradicional.

Com o avanço das discussões em torno da geografia tradicional, alguns geógrafos se lançaram em um movimento de renovação iniciado na década de 1950 e acelerado nos anos seguintes. A partir da década de 1970, a geografia tradicional começa a ser menos valorizada e com esse enfraquecimento emerge as discussões em torno da geografia crítica, introduzindo ao estudo a possibilidade de discussão, de novos caminhos metodológicos.

A geografia crítica aparece como uma alternativa ao estudo de geografia tradicional, que não se adequou às mudanças socioespaciais que o tempo produziu. Segundo Pontuschka,

[...] as realidades locais, paulatinamente, tornaram-se elos de uma rede articulada em nível nacional e mundial, ou seja, cada lugar deixou de explicar-se por si mesmo como produto de uma longa relação (dialética) histórica entre o homem vivendo em sociedade e o meio natural transformado em meio geográfico pelo trabalho do homem. (2001, p.118)

De acordo com a autora, todas essas mudanças fizeram com que a industrialização, mecanização e comércio se fortificassem, atraindo a população para as cidades. O capitalismo cresceu formando grandes monopólios, a revolução industrial batia à porta e a crise de 1929 havia colocado o governo como interventor na economia dos países. Algo deveria ser feito, e a geografia tradicional não daria conta de tudo.

Atualmente, a geografia escolar tem ampliado seu leque de discussões e temáticas, uma vez que, os acontecimentos estão modificando o lugar a todo o momento, e cada modificação acarreta novas perspectivas de lugar *versus* sociedade. Leva-se em conta também, o fato de que a tecnologia está aliada aos jovens, fazendo com que a inserção do professor no mundo virtual se torne praticamente obrigatório. Acontecimentos históricos ou que venham a entrar para a história estão mudando o comportamento da sociedade, que está mais atenta ao que acontece com o mundo e, isso naturalmente faz com que o professor também mude seu comportamento, voltando mais sua atenção para a relação global x local no momento de repensar sua metodologia.

De acordo com Guimarães (2000), a geografia crítica começou a ser questionada na década de 1990, onde as queixas se voltaram para a proximidade muito grande entre as disciplinas de Geografia e História, confundindo os alunos que não conseguiam diferenciar os conteúdos desenvolvidos nas mesmas. Isso se deu porque o tempo foi supervalorizado em relação ao espaço até então tido como fixo e morto. Não que ele tenha deixado de ser tratado como tal, mas começou a ser analisado.

Diferenciar a geografia crítica das demais matérias parece um pouco complexo, pois, com o movimento de renovação, alguns temas como economia, história e transformação social e territorial vieram à tona. Oliva (2001) acredita que a geografia crítica começa a ser introduzida na sociedade, a partir da análise de fatos ocorridos, ligando a sociedade ao território e sua formação. Para que se consiga chegar a um entendimento generalizado, a geografia necessita ampliar seu universo, de forma que a sociedade compreenda a real importância dessa disciplina.

A geografia crítica é questionada e cobrada, mas, muitas universidades formam seus profissionais com base na geografia tradicional, retardando o processo de transição e dificultando o entendimento do próprio professor, que entra em sala de aula despreparado e sem motivação para ensinar. As universidades que formam profissionais voltados para o pensamento crítico, acabam esbarrando na falta de material didático sobre a nova geografia (Oliva, 2001).

Com o cenário atual, onde o mundo passa por aceleradas renovações técnico-científicas, a escola acaba se tornando imprescindível para a construção do conhecimento geográfico, pois conhecer o mundo em sua totalidade, suas diversas escalas, modos de viver e sistemas, só é completamente interligado na escola. Preparar os alunos para o que vem pela frente, aprimorando seu ponto de vista para a realidade cultural e científica de um novo século é um grande desafio no ensino da geografia. Fazer o aluno valorizar o presente em relação ao passado, estando atento às grandes mudanças que ocorrem no mundo e aos fatos relatados na mídia é um grande passo para a construção de um saber construtivo, mas para isso deve-se buscar novos métodos de ensino, que complementem os que os livros didáticos trazem.

Os livros didáticos por muito tempo foram sendo trabalhados como a única ferramenta de ensino, provavelmente por deixar os conteúdos à mesa, prontos para serem explorados de um único ponto de vista. Segundo Goulart e Castrogiovanni (2001), para que se tenha um bom material em sala de aula, deve-se escolher cuidadosamente os livros a serem utilizados, levando em conta principalmente a fidelidade aos dados estatísticos, corretas representações cartográficas e uma abordagem que valorizem a realidade. Um livro didático precisa, antes de qualquer coisa, não parecer um conto de fadas.

Um livro didático deve fornecer subsídios suficientes para que o aluno possa comparar a sua realidade com a realidade que o livro apresenta, possibilitando a discussão acerca das diferentes vivências e experiências. Também deve apresentar textos específicos e não apenas conceitos superficiais, pois só assim o aluno conseguirá entender as tabelas, gráficos e figuras existentes. Por outro lado, o livro deve estimular o aluno a expor suas próprias idéias, não contendo textos limitados. Isso se afirma quando Goulart e Castrogiovanni dizem que "... um livro didático perfeito, em que todos os aspectos mencionados estejam de acordo com as maiores exigências, não existe. Portanto, é fundamental ao professor buscar outros recursos para suprir tais deficiências". (2001, p.131).

Existem inúmeras possibilidades para que o professor possa aprimorar e diferenciar suas aulas de geografia, uma delas é o uso dos textos de apoio. Alguns *sites* de educação vêm abrindo espaço para os professores publicarem seus artigos, oferecendo os textos na rede para pesquisa e facilitando a aproximação do professor à realidade do aluno⁴, podendo apenas indicar os *sites* para pesquisa e também levar para a sala de aula.

Revistas especializadas também trazem muitos textos baseados em pesquisas recentes, assim como alguns jornais de circulação nacional publicam textos de autores conhecidos no meio didático. Esses materiais podem ser utilizados como recurso de aprendizagem em sala de aula.

Outra forma de diferenciar as aulas é o uso do livro paradidático, que muitas vezes é utilizado para aprofundar um tema específico, servindo como um elo entre as disciplinas e deve ser escolhido por todos os professores envolvidos nas atividades, para que se tenha certeza de que será bem utilizado. O livro paradidático é uma ótima escolha para a mudança de rotina dentro da sala de aula, podendo ser trabalhado junto a outras alternativas como revistas, jornais, documentários.

A crescente aceleração tecnológica pode ser aproveitada em sala de aula. Televisão, cinema, rádio, revistas e quadrinhos podem ser perfeitamente utilizadas na elaboração e aplicação das aulas, seja como complemento e revisão de conteúdo, como sendo o próprio conteúdo. Os meios de comunicação, atualmente, vêm utilizando uma linguagem não-pedagógica para educar as crianças e jovens e, com isso, faz-se necessário o uso desses meios como alternativa de ensino.

A utilização do cinema como complementação do conteúdo é uma prática diferente e divertida, levando o aluno até o cenário para que ele faça um apontamento visual do que fora tratado anteriormente em sala, apenas com o auxílio dos livros. É importante que o aluno compreenda melhor a temática utilizando, sempre que possível, um roteiro com alguns dados sobre o filme e também, alguns pontos a se observar, tornando-se uma prática acessível ao professor e de fácil aceitação entre os alunos.

A música também é um recurso pedagógico de fácil aceitação entre os alunos, que cada vez mais cedo, deixam de lado as canções infantis para se lançarem às letras mais

⁴ Considerando que o Governo Federal implantou o programa de inclusão digital e que um número razoável de escolas oferece acesso à Internet.

elaboradas, vista por eles como “músicas de adultos”. É com essa linha de pensamento que o professor deve buscar os subsídios necessários, principalmente nas aulas de geografia onde o conteúdo costuma esbarrar em alguma questão política. A utilização da música como um recurso pedagógico é rápido tanto na aplicação quanto na elaboração, e agrada os alunos.

Trabalhos interdisciplinares vêm como uma alternativa para desmistificar o fato de que a Geografia é uma disciplina isolada e difícil de ser trabalhada. Utilizar métodos não convencionais em sala de aula é apenas uma das saídas para diversificar o ensino, trazendo o aluno a questionamentos até então inexistentes.

Atualmente, para um professor, um dos maiores desafios em sala de aula é fazer com que o aluno se interesse pelo conteúdo apresentado. Sabendo que o livro didático já não é a opção preferida pelos alunos, cabe ao professor encontrar outros métodos de ensino, que desenvolvam o interesse e a criatividade. Materiais alternativos são bem-vindos em sala de aula, e a história em quadrinhos (HQ⁵) é o foco principal desta pesquisa.

A HQ pode ser definida de várias maneiras, de acordo com a idéia de cada autor, mas em alguns aspectos quase todos concordam: a HQ é a forma mais rápida que a literatura tem para chegar ao leitor. Um dos maiores exemplos do sucesso das HQs foi criado por Charles Schulz em 1950, os Peanuts⁶, que invadiram os jornais norte americanos e posteriormente, foi traduzido em várias línguas. Até hoje seus personagens estampam produtos diversos.

A origem das HQs, segundo Anselmo (1975), vem da pré-história, quando os homens das cavernas faziam as pinturas rupestres contando sua história através apenas de imagens. Séculos mais tarde surgiram os hieróglifos, desenhados pelos egípcios e que também eram uma maneira de se comunicar através de imagens. Segundo estudiosos antigos, o balão utilizado para caracterizar o diálogo, remete a 1370, quando uma frase dita por um romano foi gravada em uma tábua. Desde então o texto e a ilustração apareceram juntos cada vez com mais frequência.

A ilustração em livros é utilizada desde o século XV, transitando entre a xilogravura⁷ e a litogravura⁸, chegando até a gravura⁹. Ao longo do século XIX foram publicadas várias ilustrações, principalmente na Europa, onde os autores se preocuparam tanto com a literatura adulta, quanto com a infantil. Após, apareceram outras formas de ilustração como a zincogravura¹⁰ e a fotografia, aumentando a popularidade das imagens.

No Brasil, a HQ ganhou as ruas em 1905, quando as revistas Tico-Tico, de Buster Brown, foram traduzidas pra o português. Por muitos anos as editoras focavam as publicações em quadrinhos europeus e norte-americanos, sem abrir espaço para desenhistas brasileiros. Até a década de 40, surgiram algumas revistas que se dedicavam principalmente ao público infantil, mas somente com ilustrações estrangeiras (Luyten, 1984).

Entre as décadas de 1940 e 1960 surgiram artistas brasileiros que ilustravam suas histórias inspiradas nas HQs norte-americanas, mas apenas em 1960 surge a primeira HQ originalmente brasileira: Pererê, de Ziraldo. Baseado na lenda do Saci, com cenário semelhante ao das florestas brasileiras, Pererê conquistou rapidamente o público brasileiro.

Em 1970 Maurício de Souza cria a Turma da Mônica, que até hoje conquista crianças e adultos com suas histórias, geralmente publicadas em gibis e almanaques. As aventuras da

⁵ Abreviatura utilizada para a expressão história em quadrinhos

⁶ Conhecido pelos personagens Charlie Brown, Linus, Lucy, Schroeder, Woodstock e Snoopy. Seu sucesso deve-se também ao fato de que a turma virou desenho animado.

⁷ Gravura entalhada em madeira.

⁸ Gravura ou estampa impressa em pedras calcárias.

⁹ Imagem de caráter artístico, impressa em geral sobre papel, através de uma matriz ou chapa trabalhada em relevo, em cavado ou em superfície.

¹⁰ Gravura impressa em chapas de zinco.

turma também podem ser encontradas em vídeos, podendo ser utilizadas como recurso didático-pedagógico, em concomitância com as HQs do mesmo autor.

Utilizar as HQs em sala de aula ajuda o aluno a aguçar sua curiosidade e sua capacidade de análise. O aluno, hoje em dia, está muito ligado à tecnologia e aos seus atrativos e as HQs acabaram se tornando, dentro da sala de aula, a referência mais próxima da tecnologia, devido ao seu conteúdo visual e a quase ausência de texto. O desinteresse dos alunos pela leitura, pela escrita e pelo estudo coloca o professor frente a frente com um dos maiores desafios enfrentados pelos educadores hoje em dia: dinamizar as aulas, o suficiente para que o aluno demonstre interesse pelo estudo de certas disciplinas.

A utilização das HQs em sala de aula é uma prática importante para a contribuição no desenvolvimento pessoal do aluno, mas apresenta melhores resultados quando trabalhada em conjunto com outras práticas, pois, é apenas um recurso que pretende incrementar as aulas, tornando o ensino mais interessante aos olhos dos alunos. Cabe ressaltar que o professor deve definir precisamente o objetivo do uso das histórias nas suas aulas, pois, como existe muito material à disposição, é importante ter claro onde se quer chegar e também, como se pretende chegar.

A seguir, apresentaremos algumas histórias em quadrinhos, obtidas na Internet, que podem ser aplicadas nas aulas de Geografia, propondo as seguintes temáticas: preconceito racial, o mundo está doente, geografia cultural da Europa e as multinacionais.

Proposta 1



Fonte: http://clubedamafalda.blogspot.com/2006_05_01_archive.html

Figura 1 – Preconceito Racial.

Para se trabalhar com tiras que enfoquem a questão racial, é importante o professor ter em mente que talvez algum aluno tenha alguma semelhança com o personagem em questão, não importando se ele é branco, negro ou asiático. Caberá ao professor explicar que todos somos diferentes e citar alguns exemplos de pessoas que fizeram algo de bom pelo mundo.

Alguns assuntos podem ser trabalhados amplamente com a tira, tais como: África, descendência africana, escravos. Até mesmo quando o professor estiver trabalhando a história dos EUA, pode-se citar Abraham Lincoln e seu governo libertário de escravos.

Esta tira pode ser trabalhada como introdução ou retomada dos conteúdos.

Proposta 2

Apresentamos agora uma proposta que trata das questões humanitárias:



Fonte: http://clubedamafalda.blogspot.com/2007_06_01_archive.html

Figura 2 – O mundo está doente.

A tira apresentada pode ser trabalhada em praticamente todas as séries do ensino fundamental e médio. Como a temática é abstrata, o trabalho pode ser feito, por exemplo: quando o professor for trabalhar com a África, expondo alguns países que passam por condições precárias; com o Brasil, quando fala das favelas ou até mesmo quando os alunos estiverem estudando o município.

Sugere-se que a tira seja trabalhada durante o conteúdo, auxiliando o aluno a olhar para as questões humanitárias ao mesmo tempo em que conhece a realidade da localidade estudada assim como as questões ambientais que afetam seu entorno.

Proposta 3



Fonte: http://clubedamafalda.blogspot.com/2007_01_01_archive.html

Figura 3 – As multinacionais.

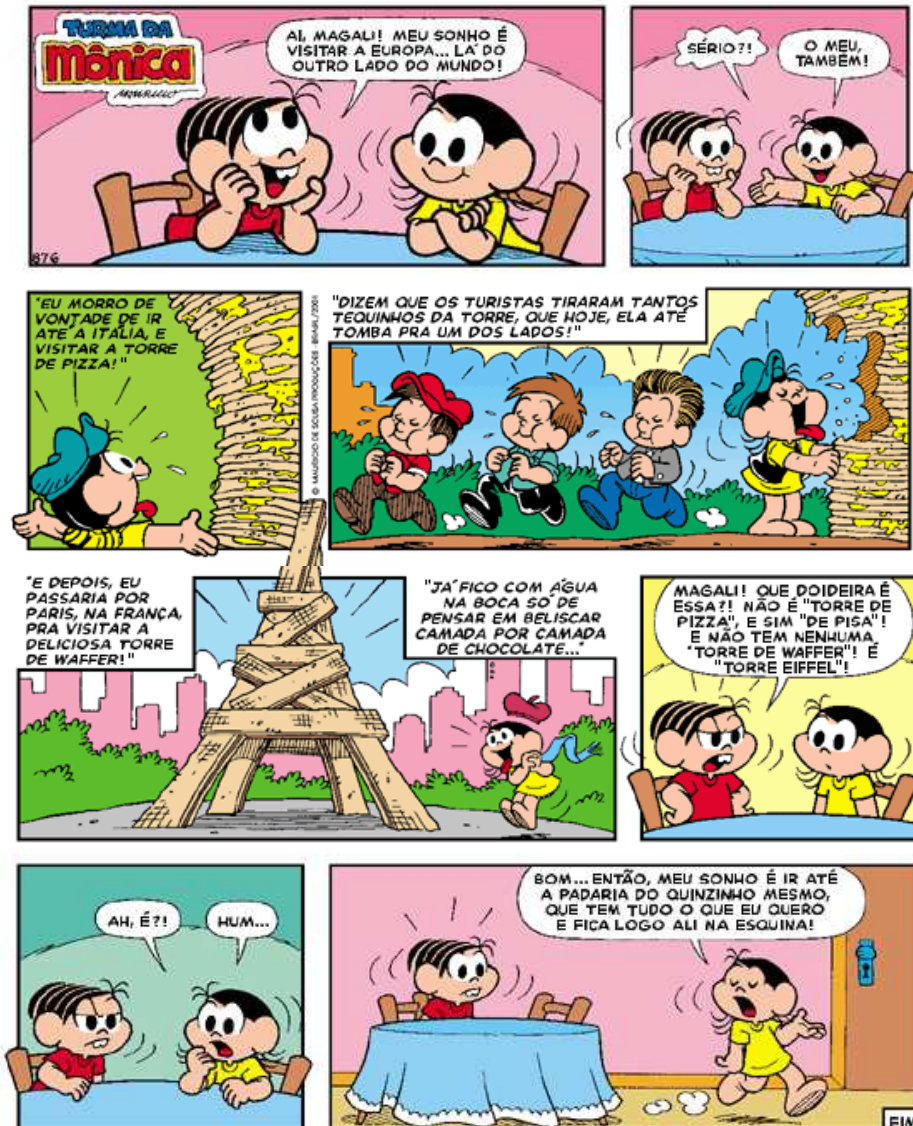
Sugere-se trabalhar a questão das multinacionais, pois, além de o personagem Miguelito fazer referência ao logotipo da Schell, o professor deve lembrar aos alunos que a tira foi produzida na Argentina. Sendo assim, ficará mais fácil para os alunos compreenderem como funciona o capitalismo e as multinacionais.

Como sugestão, pode ser trabalhado em sala de aula, através de recortes feitos pelos alunos, um painel sobre as multinacionais que eles conhecem. Pode-se também utilizar a tira como introdução de conteúdo, e nas turmas de Ensino Médio, pode ser sugerido um texto crítico com a escolha de uma multinacional como tema principal.

A partir do que foi levantado como sugestão no presente capítulo, apresentaremos a seguir, oficinas práticas aplicadas na 5ª e 6ª série do Ensino Fundamental, suas metodologias e resultados, exemplificando e questionando o possível uso da HQ em sala de aula. Para cada oficina, foram levados em conta alguns aspectos, tais como: conteúdo que a turma estava desenvolvendo, de acordo com o livro da coleção Construindo o Espaço, de Igor Moreira, que a escola adota como livro principal e; história em quadrinhos ou tira de humor que mais se adequou à faixa etária dos alunos.

Proposta 4

Sugerimos a seguir uma história de Geografia Cultural:



Copyright © 2000 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

Fonte: http://tirinhastdm.blogspot.com/2007_02_01_archive.html

Figura 4 - Geografia cultural ou gastronômica?

Nas séries em que é trabalhado o continente europeu, podem ser feitos vários trabalhos utilizando a história. Alguns exemplos: utilizando a "torre de pizza", pode ser feito um fichamento da Itália, trabalhando as principais cidades, os pontos turísticos e até mesmo a questão da descendência italiana. Com a França, além de utilizar a mesma metodologia, também pode ser focado a diferença das questões culturais que são bem diferentes das italianas.

Posteriormente pode ser feito um comparativo entre os dois países, dividir os alunos em dois grandes grupos e montar um painel com figuras e informações sobre os dois países, e pedido para os alunos apresentarem suas conclusões.

5ª série: Os rios e sua importância

A oficina foi aplicada na turma 51, composta de 25 alunos, com a faixa etária entre 09 e 10 anos. A temática foi escolhida de acordo com o que a turma estava estudando: os rios e sua importância, o papel dos rios na vida humana e as possíveis formas de utilização dos rios.

Para a aplicação do trabalho foi elaborado um projeto de oficina, criando objetivos e definindo a metodologia do trabalho. Para esta oficina foi escolhida a seguinte HQ da Turma da Mônica, de Maurício de Souza:



Copyright © 2002 Maurício de Souza Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

Fonte: http://tirinhastdm.blogspot.com/2007_01_01_archive.html

Figura 5 - História em Quadrinhos: A importância dos rios.

Por se tratar de alunos com idade entre nove e dez anos, optou-se, juntamente com a professora titular, trabalhar com história da turma da Mônica, considerando a proximidade que as crianças têm com as histórias. Fizemos um levantamento de informações e, a partir do livro didático, buscamos uma história que divertisse e transmitisse alguma mensagem, pois como eles ainda são muito imaturos, ficaria inviável utilizar alguma história ou tira de humor com uma mensagem mais subjetiva.

Os alunos me receberam muito bem e, como a professora já havia trabalhado o conteúdo, eles já estavam por dentro do assunto. Foi feita uma rápida conversa com a turma e, questionado alguns aspectos de como eles viam os rios. Também foram feitos comentários sobre o rio Passo Fundo, que é o mais conhecido deles e, por último, com o auxílio do livro didático deles, olhamos as figuras e debatemos sobre as mudanças, benefícios e malefícios que os rios podem trazer à vida humana bem como, dos animais e plantas.

Muitos alunos da turma gostam de fazer trabalhos diferenciados em sala de aula e para eles, utilizar os lápis-de-cor já é motivo de festa. Acredito que foi a série mais fácil de fazer o trabalho, pois, os alunos ficaram bem comportados para fazer o trabalho. Alguns levaram o trabalho para terminar de colorir em casa e trouxeram na aula seguinte.

Analisando os trabalhos dos alunos, verifiquei que muitos estão preocupados com a poluição dos rios. Em várias histórias, os personagens convidam os amigos para limpar o rio, além de alertar os amigos sobre a limpeza dos rios, a aluna também dá ênfase aos benefícios que a água traz para o ser humano, como a produção de alimento e geração de energia elétrica. Alguns alunos fizeram uma estreita ligação com a história apresentada para eles se basearem, utilizando seus personagens para limpar o rio e, posteriormente, pescar. Outros, enfatizaram o fato de que, sem água limpa não há como tomar banho nem fazer comida.

Acreditava que iria encontrar uma turma em que os alunos não dessem muita importância aos assuntos ambientais, mas conversando com a professora titular, verifiquei que eles vêm trabalhando as questões ambientais desde o início do ano, com produção de cartazes e trabalhos práticos. Acredito que a turma gostou muito e a professora titular também. Acredito também que acertamos na escolha da HQ e sua relação com o tema, ficando claro que é uma prática muito fácil, rápida e eficiente de aguçar a crítica no aluno.

6ª série: Região Sul e as paisagens naturais

A oficina foi aplicada na turma 63, composta de 22 alunos, com a faixa etária entre 10 e 11 anos. A temática foi escolhida de acordo com o que a turma estava estudando: a Região Sul e as paisagens naturais. Foi escolhido o tema mata de araucária por ser a vegetação original da região geográfica que os alunos vivem.

Para a aplicação do trabalho foi elaborado um projeto de oficina, criando objetivos e definindo a metodologia do trabalho. Para esta oficina foi escolhida a seguinte HQ do Calvin, de Bill Watterson:



O melhor de Calvin. In: O Estado de S. Paulo, 16/7/1997.

Fonte: Geografia: espaço e vivência. 7ª série. O espaço geográfico mundial: o mundo subdesenvolvido, 2001.

Figura 6 - História em Quadrinhos: A paisagem da Terra.

Foi difícil localizar alguma HQ que fizesse relação com o tema. Por isso optamos por utilizar uma história que falasse do Planeta Terra e, a partir dessa temática, direcionar o trabalho para a Região Sul.

Assim como na 5ª série, os alunos me receberam muito bem e ficaram empolgados em fazer o trabalho. Como quase nenhum aluno levou material para colorir, a turma levou o trabalho para terminar em casa.

Os alunos possuem uma capacidade de análise crítica bastante aguçada e contribuíram com várias opiniões a respeito do assunto. Como muitos alunos tem alguma araucária em casa, falamos da importância delas para a vida dos animais e humanos, principalmente com o fato de que a árvore fornece alimento. Alguns alunos deram ênfase ao fato de que, com a diminuição da floresta, por causa do desmatamento, os animais ficam sem casa e sem comida. Outros questionaram o fato de que desmataram a floresta de araucária para a instalação de cidades, evidenciando a presença das árvores no começo da história.

Os trabalhos da turma foram muito parecidos, pois, eles discutiram bastante antes da realização do mesmo. Acredito que novamente, a representação gráfica como prática pedagógica prendeu a atenção dos alunos, tornando a aula mais interessante. Os alunos afirmaram gostar da prática e como a professora titular vem trabalhando ao longo do ano com materiais alternativos, ficou mais fácil e rápido o entendimento por parte dos alunos.

Considerações

O presente trabalho teve como objetivo identificar a contribuição da história em quadrinhos nas aulas de geografia, enfocando a utilização das mesmas como recurso pedagógico. Procurou-se analisar como os alunos recebem estas práticas e também os resultados obtidos.

Acredita-se que é preciso repensar o ensino da geografia buscando propostas que privilegiem a construção do conhecimento através de metodologias diferenciadas, levando o aluno a usar sua criatividade e capacidade de senso crítico.

Neste trabalho foram aplicadas oficinas práticas, com 5ª e 6ª séries, e a partir dos resultados, foi feito uma análise descritiva, buscando reconhecer a aplicabilidade diante de cada tema proposto. Com os trabalhos propostos, pode-se perceber que os alunos se empolgam com práticas de ensino que vão além do livro didático. Além disso, acredito que eles entenderam o tema proposto e foram objetivos no que diz respeito ao trabalho prático.

A história em quadrinhos é um recurso válido, mas, ele não deve ser trabalhado sozinho. A utilização de outras alternativas como jornal, revistas, textos paradidáticos vêm complementar juntamente com as histórias, os conteúdos expostos nos livros didáticos, por muitas vezes incompletos ou sem atrativos para os alunos.

Considerando os objetivos desta pesquisa, acredito que a utilização das histórias em quadrinhos como prática pedagógica pode ser uma ferramenta auxiliar no ensino de Geografia, pois, hoje em dia nenhum professor consegue transmitir algum conteúdo aos seus alunos sem que haja encantamento por ele. Nesse sentido, esta pesquisa buscou firmar-se na teoria de que, divertindo, é possível ensinar, despertar interesse e aguçar o senso crítico do aluno.

Ensinar é um desafio nos dias de hoje. Muito se fala em renovação do ensino, mas pouco tem sido feito na prática. Levantar questionamentos, intrigar e despertar no professor vontade de ensinar é necessário, pois, só assim o aluno vai entender que aprender pode ser divertido.

Referências

ANDRADE, Manuel Correia de. *Geografia: ciência da sociedade*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006.

ANSELMO, Zilda Augusta. *Histórias em quadrinhos*. Petrópolis: Vozes, 1975.

GOULART, Lígia B.; CASTROGIOVANNI, Antônio C. A questão do livro didático em geografia: elementos para uma análise. In. CASTROGIOVANNI, Antônio C. (Org) *Geografia em sala de aula: práticas e reflexões*. 4ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. p. 129-132

GUIMARÃES, Iara Vieira. Ensinar e aprender Geografia: Contexto e Perspectiva de Professores e alunos como sujeitos sócio-culturais. *Olhares e Trilhas – Revista de Ensino de Geografia e áreas afins*, Uberlândia, nº1, p.8-39, 2000.

LUYTEN, Sonia M. Bibe. *Histórias em quadrinhos: leitura crítica*. São Paulo: Edições Paulinas, 1984

MORAES, Antonio Carlos Robert. *Geografia: Pequena História Crítica*. 2ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1983.

MOREIRA, Rui. *O que é Geografia*. 2.ed. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1982.

OLIVA, Jaime Tadeu. Ensino de geografia: um retardo desnecessário. In. CARLOS, Ana Fani A. (Org) *A Geografia na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2001. p. 34-49

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. A Geografia: pesquisa e ensino. In. CARLOS, Ana Fani A. (Org) *Novos caminhos da Geografia*. São Paulo: Contexto, 2001. p. 111-142